

Release

Mulheres fazem história no front de guerra como fotojornalistas

Trabalho recorre às autoras Susan Sontag e Judith Butler para refletir sobre a atuação da mulher na história da fotografia de guerra

Ruy Bucar 606 MTB –GO

Que as mulheres estão invadindo territórios tradicionalmente dominados por homens isso não é nenhuma novidade. Agora, que elas estão conseguindo desempenho melhor que o deles no front de guerra, isso sim é uma novidade que carece de estudo que consiga explicar o que está acontecendo. É o que propõe o artigo assinado por Kátia Hollak Lombardi que recorre às autoras Susan Sontag e Judith Butler para provocar reflexões sobre a atuação da mulher na história da fotografia de guerra tomando como objeto de estudo as singularidades da vida e obra da fotógrafa Lee Miller. A autora possui doutorado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A autora explica que seguindo o exemplo da pioneira Christina Broom – primeira fotógrafa de imprensa do Reino Unido, que documentou os soldados partindo para a Primeira Guerra Mundial – ou de Margaret Bourke-White – que viajou com as tropas norte-americanas durante a Segunda Guerra Mundial, além de ter fotografado a Guerra da Coreia –, nas últimas décadas, se observa uma nova geração de fotojornalistas dispostas a correr perigos e assumir os riscos de se aventurar nos palcos da guerra. Além de Broom ((1862-1939) e Bourke-White (1904-1971) a participação das mulheres no campo de batalhas

inclui ainda importantes nomes como os de Olive Edis (1876-1955), Lee Miller (1907-1977), Gerda Taro (1910-1937), Susan Meiselas (1948-), Alexandra Boulat (1962-2007), entre outras.

Em seu trabalho Kátia Hollak aponta que a editora de fotografia da revista *National Geographic*, Alice Gabriner, em entrevista à jornalista Tracy McVeigh, publicada no diário britânico *The Guardian*, em 2014, ponderou que são muitas as mulheres que ligam para a redação pedindo para serem enviadas para documentar conflitos. Algumas chegam a pedir desesperadas para cobrir determinadas histórias, assumindo todos os riscos.

A pesquisadora explica que a partir desse contexto, levantou-se as seguintes questões: como tem ocorrido o processo de produção de fotografias de guerra sob o olhar da mulher? Qual a contribuição das fotojornalistas na documentação de guerra ao longo da história da fotografia? E ainda: a diferença de gênero pode ser um fator determinante no modo de fotografar a guerra? É possível identificar um olhar feminino nas fotografias de guerra?

Com base em análise de entrevistas de fotógrafas de guerra a autora conclui que o gênero influencia positivamente o trabalho. Cita que das quatro fotógrafas de guerra entrevistadas por Tracy Mc Veigh, em 2014, três – Alexandra Fazzina (1974-), Lynsey Addario (1973-), Stephanie Sinclair (1973-) – responderam que o gênero influencia no trabalho positivamente. A explicação é simples: a mulher tem acesso a ambientes aos quais o homem dificilmente teria.

A pesquisadora sustenta que ao longo dos séculos XX e XXI, a participação da mulher no campo do fotojornalismo, principalmente na cobertura de guerras, vem crescendo expressivamente. Seguindo o exemplo de suas antecessoras, que romperam condições normativas e desafiaram a vulnerabilidade do corpo, a mulher vai timidamente conquistando respeito e espaço nos veículos de comunicação.

“Acreditamos que a vida excede aos esquemas normativos e



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

enquadramentos. Pensando assim, o papel da fotojornalista contemporânea é o de procurar interromper esses velhos esquemas e fazer emergir outras possíveis formas de chamar a atenção para as atrocidades da guerra. Nesse sentido, a vida e a obra de Lee Miller, de suas antecessoras e sucessoras, é um convite à produção de novos quadramentos na fotografia de guerra”, conclui a autora.

Como citar a pesquisa

LOMBARDI, Kátia Hallak. LEE MILLER, UMA FOTOJORNALISTA NA LINHA DE FRENTE: reflexões sobre a atuação da mulher na cobertura de guerra. **Revista Observatório**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 492-516, jan. 2018. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3316>>. Acesso em: (data de acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p492>.